



TRIBUNA Ligeira

6
Outubro
1956

SEMANARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSE DA COSTA

REDACTOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: JOAQUIM BARBOSA DE MACEDO

Composição: Imprensa e Redacção — LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR—III 62113 — AMARES

A Escola de Sagres, Luzeiro dos Descobrimentos

Na comemoração do V CENTENÁRIO da morte do Infante de Sagres, que terá lugar no ano de 1960, será erguida bem alto, esta figura gigantesca da nossa história, não apenas com a inauguração daquele almejado monumento que se esperava há um século e cujo projecto foi ultimamente aprovado, mas a par desta obra já de si monumental, com valiosas publicações de alto valor histó-

co e iconográfico, que mais enriquecerão ainda a figura do Grande Infante Navegador, dilecto membro da Inclita Geração.

Parecerá a alguns espíritos apoucados, ou mal avisados da grandeza histórica do acontecimento, que o dispêndio, aliás avultado, com estas comemorações, teria melhor aplicação noutra finalidade qualquer, mais premente, relegando-se

para outra altura a evocação de uma figura importante, como afinal, dirão, idêntica a tantos outros astros de que está constelado o Céu Português. Será preciso esclarecer porém, para podermos medir o valor das Comemorações Henriquinas, que aliada à figura do Infante, anda ligada toda a história universal dos Descobrimentos e não apenas o caso português das descobertas e conquistas, em que tão ousadamente dilatamos a Fé e o Império.

O principal valor destas comemorações consistirá em salientarmos mais uma vez e definitivamente, perante o mundo, que a Escola de Sagres foi a primeira a criar condições para a navegação científica, facto que transcende todos os outros, porque foi o germe de todos os feitos navais a partir da sua fundação.

Povo algum se arriscava então a penetrar no mar alto, por não dispôr de meios científicos adequados, antes que os navegadores do Infante o tivessem feito. A navegação até ali existente reduzia-se à cabutagem e quando muito praticava-se à vontade no Mediterrâneo ou no Mar Negro, que não oferecia os perigos do mar alto.

Foi da nossa Escola Náutica que saíram todos os navegado-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Fundada a Nacionalidade, as campanhas contra os mouros absorveram todas as atenções dos primeiros monarcas que se desentranharam em concessões e confirmações de terras e privilégios a prelados e ricos homens seus companheiros de guerra: era o *beneficio-beneficium*; e, se algum cuidado pôde merecer-lhes a administração do Reino, foi mais com vista à sua população e organização defensiva dos territórios que iam conquistando para o Sul.

A norte, e sobretudo neste rincão privilegiado de Entre Homem e Cávado, no coração de Entre Minho e Douro, que os mouros nunca acharam lugar asado para a sua longa permanência sossegada e em paz com os naturais, embora por aqui passassem com suas tremendas razias e devastações, quando por vezes regressaram, vitoriosos ou vingativos de derrotas, de entranhar-se até ao quase extremo noroeste peninsular, a vida das nossas aldeias apresenta-se, desde muito cedo, com os sintomas de fundação, com os seus elementos de coordenação bem distintos, os seus mordomos encarregados da recolha das receitas das igrejas e dos senhores da terra, todos os seus membros inteirados de seus direitos e obrigações, sempre o pensamento dominante da segurança e da defesa, como filhos da Igreja, na verdadeira e pura ascepção do termo, que dessa circunstância toma a sua origem.

Fili-ecclesiae—a freguesia vem de muito longe como núcleo-base de uma Nação, discutindo-se em assembleias, nos adros dos templos, depois dos actos do culto, os problemas de interesse comum, resolvendo negócios de alcance privado ou associativo, numa perfeita compreensão entre *cabaneiros*, *prestameiros* e *senhores*, com tão integral conhecimento de relativos direitos e obrigações que, quando Afonso II mandou proceder às Inquirições Gerais de 1220, os jurados, chamados a responder-lhes, todos unânimemente confirmaram que o soberano nenhuns direitos reais possuía aqui «*Nullum est ibi Regalengum*»; e sabe-se a descontentamentos e excessos entre a coroa e as classes que privilegiadas deram lugar, sobretudo no norte de Reino, estas medidas do trono, que foram origem e principal causa das discórdias internas que terminaram pela deposição de Sancho II.

Em princípio, e relativamente a esta época, o quadro demográfico, respeitante às terras de Entre Homem e Cá-

(Continua na 6.ª página)

O Périplo de África visto do «Vera Cruz» A cidade de Suez, o Canal e Alexandria

Chegamos à cidade de Suez, às 15 horas do dia 16, em cuja baía já estavam fundeados 11 barcos para tomarem parte no comboio que deveria partir às 7 horas da manhã, só com pilotos Egípcios, porque os estrangeiros haviam já abandonado o trabalho. Embora não estivesse previsto, fomos autorizados a visitar a cidade, o que fizemos logo após o jantar. A cidade de Suez, onde se vê uma importante refinaria, pouco tem de interesse, e embora seja maior do que a princípio supunhamos, com alguns bons edifícios, é no entanto uma cidade suja, que o árabe com a sua peculiar imundice desvaloriza. Por todos os cantos o lixo amontoado, as cabras abandonadas pelas ruas, nos passeios, muito sossegados os fumadores de ópio dividindo entre si as fomaças proibidas, e o comércio aberto toda a noite, sem horários. Digna de nota a acção policial, que, munida de antigos bacamartes, constantemente invade os estabelecimentos, em força, sobretudo em defeza dos estrangeiros, verificando como o comércio com eles é feito e como são tratados.

Estava reservado aos turistas do «Vera Cruz», viverem no Egipto os motivos de maior emoção e apreciarem um conjunto de costumes, trajes e monumentos de tão grande interesse turístico e histórico, que dificilmente se podem agrupar em qualquer parte. O dia 16

iniciou essa série de fases e acontecimentos com a largada para Port Said, do comboio de 15 navios que iam atravessar o tão falado Canal. Às 7 horas da manhã começaram a desfilar os navios ancorados na baía, em direcção ao Canal, sendo o «Vera Cruz» o 12.º a entrar, levando na frente um petroleiro russo. Com todos os passageiros no convés a admirarem o Canal, essa obra fantástica de engenharia e de esforço, o nosso navio vai suavemente dando os primeiros passos, muito

(Continua na 4.ª página)

António da Costa Júnior

Acaba de ser transferido da 1.ª secção de processos da Secretaria Judicial de Vila Verde, para a 1.ª secção de processos, do 1.º Juízo Cível, da Secretaria Judicial da comarca de Guimarães, o Snr. António da Costa Júnior.

Funcionário íntegro, pode avaliar-se da sua competência tendo em conta que sempre foi classificado de muito bom; mas além disso cativava pela sua atenção e aprumo, dando-nos a honra da sua amizade, que sempre prezamos.

No novo lugar desejamos-lhe as maiores felicidades, prosperidades pessoais e profissionais.

TRANSCRIÇÃO

O jornal o «Correio do Minho» está a transcrever na sua 1.ª página e destacadamente os artigos sobre «O périplo de África visto do «Vera Cruz», da autoria do nosso editor, que este semanário vem publicando há vários números.

Agradecemos a deferência e fulgamos saber que os mesmos têm conseguido assinalado êxito.

Hora de Inverno

Amanhã, dia 7 de Outubro, pelas 3 horas da madrugada, os relógios serão atrasados 60 minutos, entrando-se assim na chamada hora de inverno.

Foi constituído um agrupamento desportivo de carácter corporativo denominado

Grupo Desportivo «Os Leões d'A Modelar»

Ontem, na sede da firma comercial «A Modelar», proprietária deste semanário, e sob a orientação do sócio sr. Felisberto Barbosa de Macedo, reuniram todos os operários da mesma num total de 25 pessoas e resolveram constituir um agrupamento desportivo para disputa das provas corporativas.

Este agrupamento tem a denominação acima indicada e destinar-se-á à prática desportiva, recreativa e folclórica em franca colaboração com o F. C. de Amares.

O grupo vai inscrever-se na Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e para poder iniciar a sua actividade já fez encomenda de chuteiras e outros materiais indispensáveis.

Unanimemente foram nomeados os seguintes corpos gerentes:

Assembleia Geral

Presidente — João Barbosa de Macedo.
Vogais — Abel Sepúlveda da Silva Dias e João Alberto Gonçalves.

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

Resumo da Legislação proteccionista do sobreiro

1—DESCORTIÇAMENTO

1—Não é permitida a extracção de cortiça amadia e secundeira com menos de 9 anos (art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 27:776).

2—A desboia dos chaparros só pode efectuar-se até à altura em que a circunferência sobre a cortiça não seja inferior a 60 cm. (art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 27:776). No entanto, é da maior vantagem que a desboia se faça apenas quando os chaparros apresentem aquela circunferência, à altura do peito (a 1,30m do solo).

3—O descortiçamento das pernas dos sobreiros só pode efectuar-se até à altura em que, sobre a camada geradora, a sua circunferência não seja inferior a 0,47m (§ 2.º do

art.º 8.º do Decreto-Lei n.º 13:658, conforme a alteração que lhe foi introduzida pelo art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 19:072).

Como, porém, antes de tirar a cortiça, é difícil avaliar o perímetro sobre o entrecasco, aconselha-se a que sejam tomados como limite, os 60cm. de circunferência sobre a cortiça, a que, normalmente, correspondem os 47cm. sobre a camada geradora.

Tal limite, no entanto, não deve ser atingido, pois na maioria dos casos, essa forma de proceder determinará o desnudamento de excessiva superfície de entrecasco, de que resulta o precoce envelhecimento dos sobreiros.

O critério tecnicamente mais aconselhável consiste na utilização dos coeficientes de descortiçamento, isto é, elevar a despela semente a uma altura igual a 2;2;5; e 3 vezes o perímetro do tronco à altura do peito, consoante se trate de cortiça virgem, secundeira ou amadia.

II—DESBASTES

1—O desbaste dos sobreiros em produção e dos chaparros só é permitido quando não prejudiquem a densidade normal do povoamento. (Art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 27:776).

2—O desbaste corte ou arrancamento só pode ser feito no ano da tirada da cortiça e nos três imediatos com a tolerância de mais um quando as conveniências do afolhamento da terra o justificarem, excepto quando for por motivo de decrepitude, doença ou perda de qualidade da cortiça (§§ 1.º e 2.º do art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 27:776).

No último caso, só é hoje praticamente admissível o derrube de sobreiros completamente secos ou quase a secar, pois, dado o valor da cortiça a sua fraca qualidade não deve constituir motivo para a eliminação das árvores.

3—O proprietário é obrigado a proceder à marcação das árvores a suprimir e a participar à Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, quinze dias antes de começar o desbaste, a situação e limites da propriedade, a superfície do povoamento e o número aproximado das árvores a suprimir (art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 27:776).

III—CORTES RASOS PARA TRANSFORMAÇÃO DE CULTURA

1—Os casos em que seja de manifesta vantagem a transformação permanente de cultura florestal pela agrícola, a subs-

Convem-lhe saber

Que o «whisky», bebida mundialmente conhecida e usada (e muitas vezes até «abusada...») é um líquido alcoólico obtido a partir da fermentação da cevada ou do centeio torrados e moídos, depois de ligeiramente germinados.

Que o «trigo serraceno» ou «trigo negro» (que não é, aliás um «trigo» e nem sequer uma gramínea) é muito utilizado em França, na alimentação, apesar de não ser panificável, computando-se a sua produção em cerca de 900 mil quintais, cultivados numa área à volta de 200 mil hectares—três vezes superior à área média da cultura da batata em Portugal.

Que as orquídeas devem ser muito pouco regadas de Inverno, fazendo-se as regas de preferência pela raiz, mergulhando os vasos ou as caixas na água.

Que a ingestão da «cravagem» do centeio, formada pelos esclerócios duma doença daquela gramínea, pode produzir no organismo humano uma afecção grave, o ergotismo, que leva muitas vezes à loucura e mesmo à morte.

Que a armadura bucal dos insectos picadores sugadores actua como uma bomba do tipo aspirador premente. Assim, os insectos mencionados (mosquitos, pulga, cochonilhas, etc.) injectam a saliva (quantas vezes portadora do mais terríveis germes!) estabelecendo, desse modo, uma diferença de pressão que permite a subida da seiva de que se nutrem ou do próprio sangue dos animais picados. E não poucas vezes o dito animal é o homem...

tituição da espécie florestal a cultivar, ou seu corte sistemático para aperfeiçoamento da mesma, são permitidos mediante requerimento do proprietário em que este se obrigue a realizar essa transformação em determinado prazo, que será fixado em harmonia com a importância do trabalho a realizar (art.º 9.º do Decreto-Lei n.º 13:658).

2—As transformações de cultura a realizar em determinado ano serão requeridas antes de 31 de Dezembro do ano anterior, e quando requeridas depois desta data satisfarão os requerentes todas as despesas a fazer com a vistoria (art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 19:072).

(Continua próxima página agrícola)

Ou talvez não...—que o verdadeiro nome do insecticida, vulgarmente conhecido por chordano, é octachlorodicylopentadienedihidrido. Uil.

Que os tratamentos de Inverno se podem resumir simplificada e precunizando para as fruteiras de pevide e citrinos o uso da calda bordaleza neutra a 1%, para as árvores de caroço um óleo antracénico (o «Hibernol plus», por exemplo) a 5% e para a videira um óleo do mesmo tipo a 5%.

Que a efectivação dos tratamentos de Inverno pode baixar a parasitação das suas fruteiras a ponto de permitir um aumento da produção, aumento este que pode ir até 20-30%.

Que a simples operação de recolher frutos secos e podres, folhas secas sob as árvores, corte dos órgãos doentes, é uma das medidas mais eficientes e baratas de combater as pragas das fruteiras.

A giesta

Quem não conhece a giesta, a modesta e tão desprezada giesta? Usada entre nós como pasto, como combustível e como material para estrumes e para vassouras, muitos usos pode ter ainda.

Osgados apreciam-na muito, sendo reconhecida como pasto que incrementa a produção leiteira. Pode também ser ensilada—e as suas sementes são muito apreciadas pelas aves de capoeira e em especial pela criação nova.

Fornecer corantes, enfeita os caminhos e jardins, é ótima massa para papel e boa fibra têxtil.

Mas a sua grande, a sua primacial importância que a impõe como cultura a fomentar, é o seu poder fixador da terra, combatendo com grande êxito a erosão das terras montanhosas ou segurando os terrenos areentos ou movediços.

Também é excelente para sideração—e dela se fabricam até óptimos tecidos.

Que mais se pode pedir à giesta—tão modesta e tão desprezada?

No mundo dos insectos

«Schizoneura lanigera» é a sua graça—mas, como todos os criminosos que se prezam também usa outro nome, o de «Erisoma lanigeru» e, para a

Trabalhos Agrícolas em Outubro

SEMENTEIRAS: de cebolas, coenouras, couves, chicórias, coentros, alcegas, agriões, aipo, alfices de inverno, ervilhas, favas, nabos, rabanetes, salsa, giesta, pinhões, tojo, luzerna, trevo e outros pastos;

PLANTAÇÕES: de espargos, alcañofras e as primeiras hortas;

COLHEITAS: de peras e maçãs serôdias do madureiro, milhos, concluem-se as vindimas e trabalhos de vinificação;

LIMPEZA: dos troncos das árvores e queimam-se as raspaduras e fulhagem para destruir os insectos causadores das doenças e aplicam-se as caldas de inverno.

Grémio da Lavoura DE AMARES Informação

Estão abertas inscrições neste Grémio da Lavoura para aquisição das seguintes sementes:

Centeio, Trigo, Milho e Batata estrangeira.

Já se encontra aberta também a inscrição para aquisição de arame e entrega de milho e centeio à F. N. P. T.

Todos os produtores interessados na entrega destes cereais à Federação, podem fazer a inscrição neste mesmo Grémio.

família e amigos, o de «pulgão lanigero». Atendendo ao seu péssimo carácter e pior reputação, toda a gente lhe chama mais ou menos feios: cotão lanizca, algodão—um horror!

Vindo de muito longe, da distante América, rapidamente invadiu toda a Europa, parasitando quase exclusivamente a macieira e, esporadicamente, a pereira e o marmeleiro.

Na Primavera e no Verão vive sobre os troncos e ramos em colónias facilmente visíveis de aspecto cotonoso e alvarelento, aí originando nodosidades que se agravam, abrindo caminho a necroses mais ou menos graves.

Chegado o Inverno, o mal-fazejo recolhe ao seu antro, o colo da árvore e o começo das raízes mais grossas, já sob uma protectora camada de terra.

Os tratamentos invernais das árvores com carbolíneo a 6%, acompanhado (pois os carbolíneos não devem ser aplicados sobre as raízes) duma pinçagem do colo e da base das raízes principais com um produto organo-fosforado devidamente diluído, parece constituir uma boa forma de combate deste depredador.

TRIBUNA do CONCELHO

Quanto a construções

Temos dito e redito que o concelho vive um período de enérgia que forçosamente nos há-de atrasar em relação aos outros e já temos mostrado a nossa admiração por não vermos surgir um acto de coragem que nos liberte deste estado de coisas mesmo que para tanto fosse preciso perder um lugar tão querido.

Quer isso dizer que de uma maneira geral se não progride mas não quer dizer que não haja uma excepção—se a não houvesse não haveria a regra—e essa é quanto às construções de casas por parte dos particulares.

As dificuldades a vencer tem sido muitas e quase sempre impostas pela entidade oficial que se não poupa a criar impedimentos de toda a natureza, contudo, e graças à persistência de alguns, os edifícios vão-se erguendo e vão-se criando condições para outros surgirem.

Na ultima notícia do número anterior, referimos que foram adquiridos mais dois talhões de terreno para construções junto à escola o que quer dizer que em breve teremos ali a mais fidalga artéria da Vila.

A nossa Redacção tem estado atenta a todos os casos deste género que vão aparecendo e não se tem poupado a esforços para que as compras se efectivem e por isso se verifica que quase todas elas nos passaram pelas mãos. Vem isto a propósito para dizermos que continuaremos com a mesma atenção e todos aqueles que queiram construir encontrarão nesta casa quem tudo faça pela solução de tais problemas por eles serem também de interesse baírrista.

Congratulemo-nos com o que se passa e não poupemos elogios aos proprietários que vão permitindo que as novas construções se ergam.

Estradas

Há dias pessoa respeitável dirigiu-se-nos a pedir para falarmos do estado lamentável em que se encontra a estrada de Caires, em sítios quase intransponível.

Respondemos que o mal é geral e logo nos foi dito que ali estão semeados dinheiros de muitos particulares que não tem culpa com a incúria de quem não faz nem desentulha o caminho.

Tem razão no que diz mas não espere que o atendam. Já ninguém acredita no «grande santo»!

Nossa Snra. da Abadia

De visita ao histórico Santuário de Nossa Snra da Abadia, esteve no passado Domingo, o Sr. Américo de Oliveira Arantes, residente na freguesia de Dornelas.

Este bom Amarense, chegado há pouco da Venezuela, veio agradecer à milagrosa Imagem as felicidades que gozou durante a sua estadia naquele país, dando-lhe uma esmola de 1.000\$00 (mil escudos), o que na verdade é bem digno de publicação.

Oxalá que todos os Amarenses ausentes saibam imitar este bom conterrâneo, para que o Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia (Altar-mór do nosso concelho), continue a ser digno de visita.

Há informação concreta de que há bem pouco tempo, uma Senhora cuja identidade não revelou, ofereceu a Nossa Senhora da Abadia, por uma graça que lhe concedeu, objectos em ouro no valor de 2.200\$00 (dois mil e duzentos escudos).

Sinceros agradecimentos para estas generosas pessoas, que provam de quanto é digna a MILAGROSA SENHORA DA ABADIA.—C.

Gente nova

No passado dia 2, cerca das 21 horas, na casa da sua residência, sita no Largo Dr. Oliveira Salazar desta Vila, deu à luz uma robusta e linda criança do sexo feminino a Senhora D.ª Mariette Azevedo, esposa extrema do nosso assinante e conterrâneo, Sr. Jaime de Abreu Dias.

Mãe e filha encontram-se bem. Ao ditoso lar as nossas felicitações.

Novos assinantes

Por intermédio do nosso assinante Sr. João Afonso Ribeiro, tivemos a honra de registar como novo assinante o Sr. Albino de Jesus Pinheiro, natural de Santa Marta de Bouro e actualmente a residir em Lisboa.

Agradecidos pela sua indicação.

Junto da nossa Redacção esteve o Rev. Padre Luiz João Antunes de Almeida, a pedir a sua inscrição como novo assinante, o que gostosamente fizemos.

O presente número já lhe é enviado.

Recebemos do Sr. Manuel de

Faria Dias Forte, natural de Escudeiros, Braga, uma carta a pedir a sua inscrição como novo assinante o que com todo o prazer o fizemos e somos a comunicar-lhe que já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal bem como as indicações que nos pediu.

Gratos pelo seu pedido.

Pelo Sr. João Afonso Ribeiro, foi-nos indicado para novo assinante o Sr. João Faria Fernandes natural de Caldelas, mas actualmente em Lisboa.

A ambos um muito obrigados

Junto de nós, esteve o Sr. Domingos Macedo, nosso conterrâneo da freguesia de Besteiros, e actualmente em Lisboa, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Conforme seu pedido já lhe enviamos o presente número para Lisboa.

O Sr. Francisco Marques, de Lisboa escreve-nos a pedir a inscrição do Sr. António Machado, como novo assinante.

Com todo o gosto fizemos a respectiva inscrição, e desde já muito agradecidos.

Vida elegante

Aniversários

Hoje-A gentil menina Maria Fernanda de Oliveira e Silva, prendada filha do nosso ilustre colaborador senhor Domingos M. da Silva, da Amadora, Lisboa.

Domingo—A gentil menina Olímpia Rebelo de Macedo.

Segunda-feira—As meninas Maria João Calheiros Marques e o sr. António José Machado.

Terça-feira—A senhoras: D. Julita Mendes Tomé e Maria Isabel Dias.

Quarta-feira—A menina Teresinha de Jesus Arantes Menezes e os senhores: José da Conceição Martins Victoriano e Abílio José de Freitas.

Quinta-feira—O Rev. Padre Arnaldo Amadeu Barreto Marques.

Sexta-feira—A senhora D. Hortência Ferreira Ribeiro.

Noticias pessoais

Esteve na nossa redacção o sr. Padre Luiz João Antunes de Almeida, recentemente chegado de Angola, o qual se referiu em termos cativantes ao nosso jornal dizendo da ânsia que todos sentem, naquelas terras do ultramar, em o ler.

Também nos deu o prazer de se inscrever como assinante, o que agradecemos.

Quinta vende-se

No lugar de Birvirelos, freguesia de Ferreiros, deste concelho, com casa de habitação, campos com muita água, olival, laranjal e muitas árvores de fruto, etc.

Tratar com Amadeu Ernesto da Silva, Ponte do Porto, Amares.

Prémios escolares

No curso comercial que se ministra na escola «Carlos Amarante», da cidade de Braga, andam, como vem acontecendo todos os anos, vários alunos do nosso concelho.

Deu-se, com esses alunos, no presente ano, um caso que merece relevo e gostosamente passamos a estas colunas.

De 1.050 alunos que frequentam aquele estabelecimento escolar, foram vários galardoados por conseguirem classificações honrosas e desses dois são deste concelho e chamam-se Abel José Dias Antunes, do Largo Dr. Oliveira Salazar e Valdemar David Oliveira Vieira, de Caldelas.

Ambos conseguiram médias honrosas especialmente o primeiro que tem a média final de 15 valores.

Diplomado em alta costura

Encontra-se entre nós o sr. José Eduardo Macedo Gonçalves, nosso prezado assinante e conterrâneo, que o ano passado, se diplomou com distinção (17 valores) em alta costura masculina e feminina pela Academia Maguidal de Lisboa.

Do ano passado, até esta parte desempenhou o lugar de contra-mestre numa das melhores alfaiatarias da Capital. Projecta, agora, estabelecer-se com «atelier» moderno na cidade Braga, com filial nesta Vila.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas e que tudo lhe corra bem, são os nossos votos.

Marco do Correio

Do nosso conterrâneo e conhecido contista e escritor sr. Zorobabel de Campos, residente actualmente no Estado do Rio, Brasil, recebemos uma amável e patriótica carta acusando o recebimento dos primeiros jornais que esta Redacção lhe enviou ao inscrever-lo como assinante.

Tece um hino de louvor à criação deste semanário e envia grande números de jornais e revistas alguns dos quais o tem como colaborador.

Agradecemos o seu entusiasmo e os prometidos contos e firmamos-lhe o nosso convencimento de que este jornal, se todos quiserem, virá a ser ainda maior e impulsará o concelho do progresso quer queiram, quer não queiram os inaptos.

Do nosso assinante Sr. João Lourenço Ribeiro, recebemos uma carta a qual lhe agradecemos pelas suas informações.

Porém, a razão de só cobrar a importância que pagou, é porque desde o começo da sua assinatura até 31 de Dezembro, só vão quatro meses o que corresponde à referida importância.

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia da Torre—A Sra. Maria Rosa da Silva, com 73 anos de idade.

Na freguesia de Lago—A Sra. Aurora Veloso de 72 anos de idade.

Na freguesia do Bico—O menino José de Oliveira Martins com 11 meses de idade, no passado dia 29 do mês findo.

Na freguesia de Sequeiros—A snra. Rosa Joaquina Esteves, com 92 anos de idade, no passado dia 29 do mês findo.

Na freguesia de Paredes Secas—O sr. Manuel António Alves, com 71 anos de idade no passado dia 29 do mês findo.

Na freguesia de Lago—O Sr. António José da Costa, com 76 anos de idade, no passado dia 30 do mês findo.

HUMORISMO

Julga que é galinha

A mamã leva o menino a um psiquiatra.

—De que sofre o seu filho, minha senhora?

Pergunta o médico.

—Sofre da ilusão, doutor. Julga que é uma galinha...

—E há quanto tempo?

—Há dois anos...—Dois anos? É grave.

Porque não o trouxe antes?

—É que, doutor, devo confessar-lhe que tínhamos muita necessidade de ovos...

O leão e o cordeiro

No escritório do director dum circo.

—Tenho um número sensacional diz um sujeito que acaba de entrar.

—Como é? Um leão e um cordeiro a trabalharem na mesma jaula.

—Não está mal. E é caro, esse número?

—Dois contos por noite e mais quinhentos escudos para despesas—Que despesas?

—É que depois de cada espectáculo é preciso comprar outro cordeiro...

Na administração

—Você é acusado de haver roubado um burro.

—Não roubei, não sr. administrador: achei-o.

—Você sabe ler?

—Sei, sim senhor.

—Então não leu aquelas letras B.S.D. que são as iniciais do dono do animal?

—Li; mas por isso mesmo o levei, porque pensei que queriam dizer: «Burro sem dono».

Périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

saudado pelas embarcações e de terra, pois era a única unidade de passageiros do comboio. Perante a beleza do que se estava a passar a nossos olhos (um grande paquete atravessando oásis e desertos) quase se desvaneceram em todos os turistas os receios que justificadamente tiveram, de não o conseguirem passar, por falta de pilotos, ou por qualquer conflito que podia surgir, dada a conturbada polémica internacional que se desenrolava. Mais interesse por isso assinalou esta travessia, a que se veio juntar a beleza e maravilha do que aos nossos olhos era dado presenciar, para mais realçar e avaliar a importância do Canal.

Navegamos em pleno Canal, 4 horas, depois do que, entramos no Largo Amres, onde o nosso comboio parou para dar lugar à passagem do comboio de 22 navios, dos quais 17 eram petroleiros, que vinha em sentido contrário, o que as tripulações dos barcos e alguns dos nossos turistas aproveitaram para tomar banho nessas águas plácidas, enquanto 2 esquadilhas de aviões de jacto Egípcios, dum base junto ao Canal, evoluíram num a demonstração «para inglês ver», nesta curva tão apertada na vida desta nação independentemente jovem.

Por imperícia dos novos pilotos, o andamento dos comboios era muito lento, facto que veio modificar os horários, em algumas horas. Assim, só ao fim da tarde o nosso comboio voltou a penetrar no Canal, já com os holofotes acesos.

Uma hora depois atravessava-se a cidade de Esmailia para entrar na recta final do Canal, com cerca de 60 K., até Port Said.

Os barcos intensamente iluminados, bem como as povoações marginais, cuja população nos saudava, a que se aliou uma noite muito limpa e calma e um brilhante luar, com o andamento suave do navio, embalado pela música e fados transmitidos pelos altifalantes de bordo, deram ao cenário um tal cunho de poesia e de bem estar, que os convés e tombadilhos se mantiveram cheios de turistas até às 3. horas da manhã, hora a que atravessamos Port Said, que muito nos agradou com os seus inúmeros canais. Chamada a atenção dos Snrs. excursionistas, àquela hora, pelos altifalantes de bordo, para a estátua do Engenheiro Lesseps, construtor do Canal, erigida no topo do mesmo, que o navio iluminou com um projecto, e que contemplamos com admiração, entramos no Mediterrâneo, depois de ter visto uma monumental obra, com 160 Km. do canal, com 70 metros de largura e 10 de fundo, cujos milhões de toneladas de terra e areia, foram dali deslocadas ao dorso dos camelos e aos ombros de operários, únicos meios de transporte há 100 anos.

A obra é ainda maior se avaliarmos que para ser levada a cabo foi necessário fazer também um canal de água doce, desviado das águas do Nilo, com os mesmos 160 quilóme-

tros, através do deserto para ceder todo o pessoal, que não podia resistir de outra forma e que hoje fertiliza toda esta margem do canal.

As obras de conservação e limpeza do canal são muito custosas, pois passamos por mais de uma dezena de dragas e nas suas obras trabalham diariamente muitas centenas de operários. Estamos absolutamente convencidos que, se forem retirados ao tráfego do canal, os petroleiros que constituem 90% do seu movimento, o Egipto fica num situação insustentável.

ALEXANDRIA

As 11 horas de 17, estava à vista Alexandria, onde entramos dentro em pouco, muito bem recebidos, vindo-se por todo o Porto, afixados, disticos saudando os turistas do «Vera Cruz». Depois do almoço saltamos para terra, onde já haviam acorrido inúmeros vendilhões de recordações, malas e muitos mais objectos que enchiam por completo o cais, que fizeram bom negócio.

Em frente ao ancoradouro do «Vera Cruz», no magnífico porto de Alexandria, ficava a base da marinha Egípcia, com muitos navios de guerra ali ancorados, entre os quais vimos um cruzador. O Palácio Real de Alexandria, também lo-

Leões d'A Modelar

(Continuação da 1.ª página)

Direcção

Presidente—Felisberto Barbosa de Macedo.
Secretário — Paulo Rebelo Barbosa de Macedo.
2.º Secretário — Abel José Dias Antunes.
Tesoureiro—Ramiro Antunes Vogais—Manuel Joaquim da Costa Moreira e Armando Macedo Martins.

Os corpos gerentes foram logo empossados e resolvido que o nóvel agrupamento entre imediatamente em actividade sendo estudadas maneiras de conseguir receitas, havendo quem, para já, financie as despesas dos materiais encemendados.

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

ta que lhe pergunte: em que sentido toma a lealdade? Não estará você a querer impor ao sentido digno daquele vocábulo a soberba quem de deseja que todos pensem como você ou que colaborem nas mesmas campanhas que você tem levado ou quer levar a efeito?—mas aqui, é verdade, não se discute, foi superiormente determinado não falar de futebol. E sabe quem o determinou? Eu.

O pássaro jamais poderá igualar-se ao condor, e o resto —é querer criar sinfonia de ouvido.

J. M.

go aos nossos olhos se destacou pela imponência da sua arquitectura, e sua mesquita, que depois iríamos visitar. Houve dificuldades para trocar escudos por libras Egípcias, pelo que tivemos de recorrer aos dólares. O programa desta tarde foi destinado à cidade e seus monumentos. Assim, o nosso grupo começou por se dirigir às catacumbas de Alexandria, que muito admiramos. Visitamos seguidamente os pontos principais da cidade, ficando-nos agradável impressão da praia e suas modernas construções, a que aqui chamam a «Copacabana de Alexandria», mas muito má impressão dos bairros árabes e ruas menos centrais, onde estes vivem amontoados e entregues ao ópio. A cidade, com 1 milhão de habitantes é, como todas as cidades Egípcias, suja e com prédios sujos, num desmazelo e falta de higiene, contrangedores.

Grande parte dessa tarde foi gasta, com muito proveito, na visita ao Palácio-Moseu de Alexandria, onde o Rei Faruk viveu o seu edílio com Nari-mau e onde depois veio a assinar a sua abdicação. E um dos 17 palácios reais do Egipto.

Na baía e junto ao palácio, no seu porto privativo, está também ancorado o seu hiate Arruzza, que seguidamente à abdicação o transportou ao exílio.

E' de assombrosa riqueza a construção do palácio, e incomparavelmente maior o seu interior e recheio. Os aposentos reservados ao Rei e à Rainha, são dum esplendor maravilhoso. Em cada um, de exclamação em exclamação, vamos vendo a sala de espera, o gabinete de trabalho, sala de despacho, sala do trono, salão de jantar oficial e particular, salão de fumo, sala de jogos, salão de baile, salão árabe, assombroso quarto de banho, etc. Seguem-se idênticos aposentos para a Rainha, e ainda vários para os príncipes, tudo isto guardado com os mais ricos móveis e as mais assombrosas e finas de corações em talha, com damascos, lustres, motivos e tapetes riquíssimos, num desafogo e bom gosto impressionantes.

Assim depois de percorrermos alguns quilómetros de corredores ricamente entapetados, saímos pela sala onde o Rei abdicou, perante o general Naguid, verdadeiramente maravilhados. A' noite visitamos a cidade iluminada e o seu principal Cabaret. Ficamos muito mais a gostar dos gorgeios das cantadeiras árabes, das suas danças típicas, e até da sua música de melodia desconsertante.

A Seguir—Cairo e Pirâmides

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Visado pela censura

A Escola de Sagres

(Continuação da 1.ª página)

res que alcançaram fama mundial em toda a gloriosa gesta dos Descobrimientos, inclusivamente, mesmo aqueles—devemos salientá-lo—de que se orgulha Espanha, por terem trabalhado a seu soldo. Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães aprenderam a navegar em Portugal e eram portugueses (foi recentemente averiguado que Colombo o era também).

A Espanha, que pela boca de alguns dos seus historiadores se arroga ao primado dos Descobrimientos, evocando precisamente as figuras de Colombo e Magalhães, esquece que aos seus navegadores faltava, como de resto a todos os outros povos, a perícia dos portugueses preparados em Sagres nas ciências náuticas e experimentados depois nos feitos das nossas caravelas; e que por isso os veio procurar e arrebanhar ao grande alfofre dos mareantes.

Fora de dúvida que o valor científico dos nossos cosmógrafos e navegadores constitui, precisamente, a pedra angular de toda a história dos Descobrimientos e esta honra arrebatada para si todos os seus loiros.

A acção da Península em todos os factos históricos dos Descobrimientos foi decididamente monumental e é ponto assente que lhes serviu de luz a Escola Náutica de Sagres, lugar histórico onde vai ser erecto o Monumental Padrão Comemorativo do V Centenário da Morte do seu Fundador.

E para melhor esclarecer, diremos que a ideia dominante de todos os navegadores da Península era a descoberta do caminho marítimo para a Índia e também o combate aos inimigos da fé, que nos não deixavam em paz com as suas bárbaras invasões. Obsecado pela ideia de chegar à Índia em primeiro lugar, o aventureiro Colombo, seguindo a opinião francamente errônia de que o poder fazer com rumo ao ocidente, doutrina condenada pelos nossos cientistas, depois de repudiado, ofereceu-se a Espanha para realizar o feito, com a promessa solene de que chegaria primeiro à Índia. Com esta ideia fixa fez-se ao mar e deparou com a América e, caso curioso—que dá extraordinário relevo aos nossos méritos nas ciências náuticas, roubando todo o brilho à aventura de Colombo—este conservou até à morte a ideia de que tinha chegado realmente à Índia e não à América, o que prova a sua falta de bagagem técnica e de-

monstra sobejamente o seu erro náutico.

Se bem que não se possa atribuir unicamente ao Infante toda a glória nacional dos Descobrimientos, Ele é efectivamente o símbolo do esforço criador desta raça de marinheiros que deu novos mundos ao mundo. A nossa experiência náutica, grandemente influenciada pelo impulso dado à marinha por D. Dinis, mais fortemente consolidada ainda no reinado de D. Fernando, chegou em boa forma a época do Infante, mas ninguém como Ele soube dar-lhe aquela unidade, ao mesmo tempo científica e prática, que fez dos nossos capitães homens que mareavam com mestria inexcedível, o que faltou aos outros povos contemporâneos.

A figura viril do Infante D. Henrique é de tal ordem saliente na nossa Epopeia, que não encontramos outra que marque tão relevantemente o início de uma época de glória, como foi a dos Descobrimientos.

A esse fulcro renovador, iniciado com a Dinastia de Aviz, pode somente comparar-se o mérito histórico actual, em que os portugueses, guiados também por um homem superior, da craveira do Infante—SALAZAR—se agigantam como outrora, não já como precusores da ciência, mas como campeões e cultores dos valores de espírito, largamente enraizados na sua história de oito séculos, sem se esquecerem no entanto da valorização do património nacional, num esforço digno dos maiores enconómios e à altura do século em que vivemos.

Desse património ficará a fazer parte o grandioso monumento de Sagres e não podemos deixar de salientar, como prova da nossa capacidade criadora, o facto de, no meio de um apertado certame internacional—tal como foi o concurso levado a efeito para escolha do melhor projecto de monumento, com 25 concorrentes dos melhores artistas estrangeiros e juri internacional—ter sido escolhido o trabalho de um arquitecto português e para maior alegria nossa, portuense; e quem como um português poderia interpretar melhor o sentido épico dos Descobrimientos?! A atestar o vigor do passado e os méritos do presente, ficará em Sagres, o majestoso monumento, a partir de 1960, que também servirá de leme às gerações futuras, ao tomarem em seus ombros a Nau Pátria.

EME

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA

As Abelhas

A mãe comum, as obreiras e os zangões,
população e temperatura das colmeias

Por AVLIS

(Continuação do número anterior)

O papel que a abelha-mãe desempenha na colmeia é unicamente de multiplicadora e nada mais; não manda, é apenas respeitada no uso das funções divinas, quadrando-lhe bem pouco, por isso, o título da rainha ou abelha-mestra porque o vulgo geralmente a designa. As obreiras que vulgarmente dão o nome de abelhas carreiteiras, acompanham e defendem-na como se defende uma mãe, por isso que sabem que dela depende a riqueza, o desenvolvimento, o bem-estar e, sobretudo, a vida da república. Esta mãe é excessivamente tímida; ao menor sinal de perigo esconde-se no mais recôndito da colmeia, enquanto as obreiras arremetem furiosas a afrontar o inimigo. Se uma abelha estranha se introduz na colmeia e a ataca, ela não se defende, procura só fugir. Se a agarrar não é capaz de ferir como faz uma obreira em circunstâncias idênticas; fica imóvel como paralizada pelo susto. Apenas é valente para se desembaraçar das rivais, isto é, das outras fêmeas fecundas prestes a sair do alvéolo. Quando duas fêmeas fecundas se encontram, lançam-se furiosamente uma de encontro a outra, com as mandíbulas procuram agarrar as asas, saltar sobre o dorso e introduzir o dardo nos últimos anéis do abdômem, o que é a morte instantânea da mais fraca. Dois

galos na mesma capoeira não se dão, mas não se matam, na colmeia não pode haver mais do que uma rainha porque a mais forte liquidaria a mais fraca. A abelha-mãe é maior que as obreiras. Tem menos características as escôvas dos tarsos, a perna do terceiro par não possui cêsta, e as patas são desprovidas de pinças. As mandíbulas são curtas, a trompa é menor, as asas mais curtas que o abdômem, o aguilhão, maior e mais curvo; esta curvatura do aguilhão, que não existe nas obreiras, parece dever servir para ajudar a postura, dando direcção ao ovo. As abelhas recebem com custo uma mãe estranha; quando se fornece alguma ao enxame, sem que este esteja para isso preparado, as obreiras agarram-na mutilam-na e matam-na em seguida. Às abelhas é difícil fazer-lhes aceitar uma mãe que não seja a da sua escolha, mas às novas pode-se conseguir, metendo uma mãe numa gaiola de teia metálica de modo que as obreiras não lhe possam chegar. Essa gaiola com a fêmea mãe introduzindo-se na colmeia durante três dias, até as obreiras se afazerem com ela; esta é uma solução adaptada por muitos aficultores; para mim e é o que aconselho, quando em época de criação, é extrair de uma colmeia forte que contenha ovos em abundância com me-

nos de três dias, a colocar na colmeia que verificamos estar orfã. Sem mãe as abelhas não trabalham. Entregam-se ao desespero, emigram ou morrem em pouco tempo. A mãe ou abelha-mestra, nos seus primeiros dias depois de nascida conserva-se na colmeia, mas chegado o tempo quente e belo, do meio dia às quatro horas, quando os zangões voam no ar em evoluções sonoras, ela sai e, se volta fecundada, nunca mais procura sair. A fecundação opera-se no ar, e uma só é bastante para toda a postura de milhares de ovos. O macho paga com a morte a felecidade de um segundo, por isso que, deixando os fragmentos dos órgãos sexuais no corpo da fêmea, não sobrevive à mutilação. As obreiras, logo que vêm entrar a fêmea mãe com os evidentes sinais da fecundação deixam-na matar as outras mães nascidas de poucos dias, coisa a que até então tinham terminantemente obstado, e daí a pouco essa mãe começa a postura. Importante; há a notar que as obreiras nascidas junto da célula real põem ovos. As fêmeas fecundadas põem à vontade e segundo a necessidade ovos de fêmeas ou de machos mas as fêmeas virgens e as rainhas não fecundadas ou velhas põem só ovos de machos.

A faculdade que as fêmeas mães têm de por ovos machos ou fêmeas depende dos músculos de que está guarnecido o oviducto, e que actuando no reservatório que contém o liquido seminal do macho, faz à vontade do insecto, ou à posição que este tem de tomar na ocasião da postura, fecundar ou não os ovos. É antigo na entomologia a reprodução feita por fêmeas não fecundadas, a que se dá o nome de parteogénese. Foi isto descoberto no

princípio do século XVIII no bicho da seda e depois em vários hepidópteros, himenópteros e hemípteros. Mas o que é muito curioso, é que as fêmeas destas espécies não fecundadas põem ovos donde só nascem fêmeas, isto é, a forma menos perfeita, mas nas abelhas é o inverso; as virgens só produzem machos.

A introdução da *Apis ligústica* na Silésia, em 1853, permitiu a Lzerzon fazer curiosas experiências a este respeito. Nos cruzamentos observou que uma fêmea ligústica (abelha italiana) que é amarelada, unida a um macho melífica (abelha europeia) que é ne-

gra, produzem rainhas e obreiras híbridas, mas machos amarelos, isto é, ligústica puros. Cruzando uma fêmea melífica com um macho ligústico, as obreiras e as mães eram igualmente híbridas, mas os machos pretos e melíficos puros. Este facto, dado do mesmo modo no cruzamento com *Apis fasciata* (abelha egípcia) e outras espécies, prova que os machos ficam sem pai; sendo única e exclusivamente proveniente das fêmeas. A postura da mãe começa geralmente dois dias depois da fecundação.

«Procure conhecer o valor e a vida das abelhas através deste semanário.» (Continua)

GAZETILHA

O mundo gira às avessas
Com o fundo para o ar.
Só se acredita em conversas
Que não passam de balelas
Das tais de fazer pasmar!

Diz um adivinho espanhol
Que o verão vai começar,
E que a temperatura do sol
Atingirá um calor tal,
Que até nos há-de crestar!

Dizem outros sabichões,
Que o nosso vizinho Marte
Vem p'rá terra aos trambolhões,
E que mesmo a olho nú
Já se vê de toda a parte!

Disse também um jornal
Que na freguesia de Bouro,
Uma mulher infernal
Se atirou a um céguinho
Como Sant'iago a Mouro!

Também uma lá do Porto
Fez do marido um "camelo"
Cascando-lhe como em morto,
Porém, o Juiz Quintela
Encostou-lhe a roupa ao "pêlo"!

Jomacer

Folhetim da "Tribuna Livre", 2

Homem e Mulher

Conto de Joaquim Monteiro (Jorge)

2

O rapaz mantinha-se deitado de costas e tinha, novamente, a nuca apoiada na almofada formada pelas mãos. O mar continuava a espolinhar, a queixar-se de encontro aos rochedos, e, no casino, o baile parecia ter atingido maior animação. O vento dilacerava, com carinho, a solidão da noite. O farfalhar das árvores exalava um aroma a resina e a verde e, de quando em quando, ouvia-se o raspar duma outra folha que se desprendia do ramo, afossinhando, serena e dolente, voluptuosamente, na terra pejada de caruma e folhas secas e ervas calcadas.

—Querida!

—Dize!

—Amo-te!—e ele sentiu nos seus cabelos os dedos finos da rapariga. O homem olhava o céu, e estava por terra com ela, sentada, a seu lado.

—Tens frio?—voltou a falar o moço.

—Não. Ao pé de ti, assim encostada a ti, não tenho nem sinto frio.

Silêncio. Apenas a noite e os seus ruídos, ruídos estranhos que desciam do bosque à praia e entravam no mar, plangente, no mar murmurante. Ao longe, por entre a neblina que começava a tombar sobre o mar, sirenes diziam dos barcos que baloiçavam nas ondas. E rápido e veloz, certo e gritante, um grasnar rompeu por entre as árvores, e um pio, além, um mexer de folhas, um raspar de vento...

O fósforo incendiou-se e a chama, por momentos, dançou à frente do rosto ossudo do rapaz. E ele sugava o topo do cigarro, que seus lábios mordiam, e ela continuava debruçada sobre o seu corpo, torcendo-lhe os cabelos rebeldes e macios e desordenados.

—Em que pensas?

—Em nada!

—E' bom pensarmos e não pensarmos em nada!

—Não penso em nada porque tu és tudo!

—És uma tola!

—Como uma tola é que te quero amar sempre—e tocou-lhe os lábios

com os lábios.

Com a dele ele procurou a mão dela. Apertaram-se uma na outra. O vento lambia-lhes os rostos como uma carícia ou asa de ave misteriosa. E o mar penetrava por entre a praia e as fendas nas rochas, e a música, no casino, ia e vinha, e a noite tinha perfume e as árvores dançavam e o céu estava cheio de estrelas...

Ambos estendidos, de costas na terra, olhando as estrelas. Ombro com ombro, flanco com flanco, coxa com coxa. Entre ambos, sobre a linha que os unia até aos joelhos, os braços ao comprido de mãos enlaçadas.

—Queres voltar?

—Para onde?!—insinuou a rapariga.

—Para o casino...

—Não!

Ele sorriu-se. Com o braço, agora, cingia-a pelos ombros contra ao seu peito. Aninhando-se, ela virou-se para ele. Encostou a sua face à face do rapaz e sentiu a aspereza da cara do companheiro.

—A tua cara pica!

—Hoje não fiz a barba.

—Fazes todos os dias a barba?

—Sim, quase todos os dias.

—Gosto de me sentir ferida pela tua barba.

—E's uma tola, meu amor!

—Como uma tola é que te quero amar sempre, sempre!—E deixou tombar a cabeça no peito do namorado, e ele beijou-lha e sentiu, no peito a dureza e o calor dos seios da rapariga.

(Continua)

Santa Filomena

Da arquiconfraria de Prose-lo, pedem-nos a publicação das seguintes graças, obtidas por intercessão de Santa Filomena:

Manuel Rodrigues de Oliveira—Caixa Postal n.º 29—Luanda—Angola, escreveu-nos a participar que um seu visinho foi operado em Luanda por 3 vezes e em Lisboa por 2 vezes e à sexta vez que havia de ser operado, já desenganado pelos médicos, que lhe fizeram a nova operação por um desagravo de consciência sem esperanças de cura, quando estava preste a dar a alma a Deus, o capelão do hospital

foi visitá-lo e perguntou-lhe se tinha fé com algum Santo respondendo-lhe que não. Então deu-lhe a pagela de Santa Filomena e o livro da vida da grande Santinha, principiando o capelão e os enfermeiros uma novena, sendo o último dia da novena o da grande operação. O desarranjo deste nosso visinho deve-se ao ter-lhe uma camionete passado por cima da bacia, ficando esmagado e sem bexiga. Mantinha-se de cama há 38 meses sem se poder mexer. Depois da operação poucas melhoras sentiu e principiou-se outra novena e, ao segundo dia, levantou-se da

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

vado, pode apresentar-se rigorosamente assim:

Ao centro, a «HONRA DE VASCONCELOS» *Item dixerunt que Vasconcelos é Onra* com seu solar ou casa forte de que ainda subsistem as preciosas ruínas, ramificação dos senhores de Lanhoso.

Reminiscência do velho condado de Cabreira e Ribeira, a Honra de Vasconcelos pode considerar-se igualmente a razão do futuro senhorio deste concelho na Casa de Castro de Carrazedo, por sucessivas transmissões de vínculos e herdades, como pela mesma razão e via os concelhos de S. João de Rei e Ribeira de Homem se encontraram em mãos dos senhores da Casa da Tapada.

No extremo norte o Couto do Mosteiro de Bouro, concedido por Afonso Henriques ao Abade e seus monges em 1162, isento de toda a obrigação e senhorio real.

Na ponta sul, a abranger as terras contidas até ao vértice do ângulo formado pela confluência do Homem com o Cávado, o Couto de Rendufe, a que também andaram ligados o de S.ta Maria de Paredes Secas (hoje S. Miguel), o de S. Tiago de Sabariz e o de S. Pedro de Cordece em terra de Nóbrega.

Deste modo, as terras Entre Homem e Cávado, sujeitas desde tempos muito anteriores à fundação do Reino à jurisdição do clero e da nobreza, nela continuaram a manter-se quase até aos últimos tempos da Monarquia, ou seja até à extinção das Ordens Religiosas e do antigo regime.

Aqui, melhor que em qualquer outra parte, proporcionam-se os mais eloquentes exemplos, as lições mais concludentes de quanto foi activa, benéfica e profunda a influência do discutido feudalismo em Portugal, na sua evolução desde as origens, que os ricos-homens e os prelados das ordens monástico-militares se empenharam na reconquista do solo pátrio, em que promoveram depois a expansão de laboriosas colónias agrícolas, que se acolheram à sombra e protecção dos mosteiros e fortalezas medievais e foram o fundamento das vilas e povoações florentes.

Distribuíram e aforaram baldios, desbravaram e arrotearam os montes e os vales, até transformarem suas terras nas formosas e férteis granjas, nos jardins do Minho de fama universal.

Fomentaram, a par da produção cerealífera, a conseqüente indústria da trituração do linho e dos cereais em múltiplas azenhas que se encadeiam ao longo de rios e ribeiros, a plantação de vinhedos, de oliveiras, de soutos e de laranjais e os ricos lagares de azeite que se cortam por dezenas na estreiteza da terra concelhia; as pescarias, as entrovicadas, as montarias, as caçadas, as feiras, os mercados e as romarias, sem faltar, a todo este conjunto de prosperidades, os encantos da arte e da literatura na poesia dos salões da Tapada e de Castro e os acordes místicos a ressoar pelas naves de mosteiros bentos e bernardos; berço do verdadeiro folclore nacional, tudo isto veio no encaço dessas primeiras manifestações da poesia trovadoresca inspirada em Pay Soares de Taveiros pela peregrina formosura de Maria Pais de Ribeira, a padroeira do mosteiro de Bouro.

Por estes montes e vales vagueou a imaginação ávida de poetas, historiadores e romancistas, ansiosa de descobrir *heróis e personagens*, bobos e menestres para novelas e narrativas históricas.

Continua no próximo número

CALENDÁRIO

6—SÁBADO: S. Bruno e S. Fé
7—DOMINGO: SS. Rosário de Nossa Senhora, SS. Marcos (papa) Sérgio, Baco, Marcelo e Apuleio (mártires).
8—SEGUNDA: S. Brígida, S. Demétrio e S. Tais.
9—TERÇA: SS. Dionísio, Rústico e Eleutério, SS. Andronísio e Andromaca (esposos).
10—QUARTA: S. Francisco de Borja, padroeiro de Portugal.
11—QUINTA: SS. Nicásio e Zenaida.
12—SEXTA: SS. Plácido, Serafina e Volfrida.

cama e foi para a capela. Os enfermeiros e enfermeiras agarraram o homem dizendo que estava doido por se arrojarem a levantar da cama. Apareceu o médico e examinou-o verificando que os ferimentos estavam quase cicatrizados e o homem curado. Ofereceu uma imagem da grande Santinha à freguesia dele e fez uma festa. Como é de esperar, vai entrar ele e a família para irmãos de Santa Filomena, só esperando que esta venha da Metrópole. Também já arranji para mandar todos juntos. A minha filha está um pouco melhor e temos fé em Santa Filomena que ainda há-de ficar boa. Falta agora este nosso milagre que a menina Santa Filomena também nos fará. Manuel Rodrigues de Oliveira Luanda

D. Lucília da Costa Abreu Dias, da Feira Nova, Amares, em 28 de Agosto de 1956, domingo, dia de festa, ao seguir a procissão junto da residência da doente, muito mal, vem à janela com grande sacrifício suplica de joelhos, resa e chora, ... e passada uma hora, às 18.15 horas sente-se bem completamente curada. Vem agradecer publicamente esta graça e entra para irmã da Confraria, na qual tem o n.º 3.079. Sente viva emoção ao narrar esta graça.

É apóstula da grande devoção a Santa Filomena.

Da Venezuela

No dia 20 do mês findo, no avião da linha «Pana América», embarcou para Portugal, o nosso assinante Sr. António Joaquim de Oliveira, conhecido industrial na Praça e cidade de Caracas. Depois de 4 anos neste país regressa a Portugal, onde vai permanecer uma temporada na sua freguesia de Dornelas, na companhia de seus queridos pais e também onde vai realizar o seu casamento.

Seus companheiros e amigos, desejam-lhe boa viagem e muitas felicidades.

Também no mesmo avião embarca o nosso assinante Sr. Arnaldo Vieira de Faria, que já era para ter embarcado, mas por vários motivos adiou o seu embarque.

Também no mesmo avião, embarcou o menino, Eleutério Braga, de 4 anos de idade, filho do Sr. Eleutério Braga, e da Sra. Albina Costa, que vai para junto de sua avó Sra. D. Cândida Costa, proprietária da Padaria do Gerês. A todos boa viagem.

Album de coisas várias

Desde já o leitor fica a saber que foi a mim, à minha pessoa, que Domingos Luz, insensatamente, se dirigiu, quer no *desabafo*, quer no desfazer do «mal entendido», respectivamente de 21 e 28 de Setembro findo. Insensatamente, apenas, no que se refere ao *desabafo*. . . idêntico àqueles «desabafo» que as moscas deixam pousados e perdidos por cima da alvura dos objectos como sinal de lauto banquete pelos mercados da imundície e, conseqüentemente, de boa e normal digestão que, quanto ao pretender limpar o «mal entendido» . . . é que o amigo Luz procurou fazer luz...

Eu não havia lido o tal *desabafo*, que deu bomba e acinzentosamente depois burilado para mim, e foi de lábios cerrados e surpreendido que fui posto a par do que se tinha escrito e, de certo modo, esclarecido das razões que levaram a quele camarada da imprensa desportiva a dar-me de *sábio* para cima e para baixo, espetando comigo, todo inteirinho, acto seguido, no armazém da sucata, porque eu nem era singular, porque eu nem era plural—enfim, o leitor está a ver!

Foi por acaso que tive conhecimento do *desabafo* (ele há, de facto, muitas pessoas que andam com os colarinhos muito apertados) do meu caro Domingos. E, depois de estar dentro do assunto, recolhi-me, e nesse mesmo instante deu-me uma vontade enorme de pegar na pena, esquecer considerações e perconceitos de amizade, e fazer com que essa mesma pena arrotasse tão longa e tonitroamente que fosse capaz de fazer compreender aos sen-

satos, aos simples, aos sem vaidade e aos honestos quanta mágoa e dor e tristeza me invadiu o coração—doloroso instante em que o desprezo por tudo nos chama à realidade de quanto valem e podemos, e em que num minuto repovoamos o nosso espírito adormecido com imagens dum passado pejado de toda a espécie e natureza de injustiças de que temos sido vítima. Não desejávamos crer que, desta vez, a sombra da injustiça de novo de nós se abeirasse, atirada por alguém a quem nunca deramos motivo para a merecer. Mas não podíamos negar o facto.

Meu caro Domingos Luz: o amigo enganou-se e ao desfazer o «mal entendido» fê-lo de maneira a deixar perceber, não a sublime humildade de quem laborou em erro, mostrando esse erro na sua forma absoluta, mas que o *desabafo* mantinha sempre a sua razão de ser, ficando você em atitude incógnita, incólume e nobre, de calcanhares erguidos, enquanto que a mim apenas me restava ficar enroscado a seus pés! Não, meu caro; nego-me a tal, quer perante você, quer perante quem quer que seja na razão directa da liberdade que me é concedida na defesa da minha dignidade e na luta a que tenho direito de refutar diatribes como as da sua autoria. Como as provocadas pelos seus *enganos*, lamentáveis conseqüências das suas tristes *precipitações!*

E ouça mais um pouco: o amigo diz que não está habituado a *deslealdades*. Permi-

(Continua na 4.ª página)

A Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONCERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 62113

Feira Nova